A segunda parte, sob o título «Dualités», interroga, em perspetiva sistemática, as principais tensões herdadas, no nosso tempo, pelas três grandes famílias disciplinares: a fenomenologia, a metafísica e a teologia. São seis capítulos, em que o autor analisa sucessivamente os temas: fenomenologia e teologia: a dupla irredutibilidade; «meta», «theos» e excedência: razão metafísica e razão teológica; passar o tempo, ou entre metafísica e teologia, ou as implicações de uma noção de tempo que Ph. Capelle-Dumont, com Heidegger à vista, qualifica como «testamentário» (adjetivação que explica e justifica na p. 148); ordens de verdade e evento de verdade, um capítulo em que analisa com muita pertinência o papel da filosofia e da teologia no diálogo inter-religioso, explorando relações entre verdade filosófica e temporalidade, verdade «única» e religião, unidade da verdade entre «cumprimento» e «salvação», e onde realça a necessidade de articulação entre as diferentes verdades, bem como a verdade como evento em que a temporalidade se torna relevante, segundo, aliás, o paradigma do próprio mistério da Verdade (eterna) encarnada no tempo em Jesus Cristo; cristianismo e judaísmo, entre filosofia e teologiaa é o tema do penúltimo capítulo; o último é dedicado à questão teológico-política na sua relação com o princípio de autoridade.

Jorge Coutinho

Danblon, Emmanuelle, **L'Homme rhétorique. Culture, raison, action**, coll. « Humanités », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 227 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09926-4.

A autora deste ensaio, professora de retórica na Universidade Livre de Bruxelas, faz nele a apologia desta disciplina, contra uma série de mal-entendidos a seu respeito. Ao contrário do reducionismo de que foi alvo desde Platão, a razão retórica é, segundo E. Danblon, a forma mais completa da razão humana, distante quer dos racionalismos que reduzem esta a uma razão pura de todo o elemento não estritamente lógico (uma razão formalista e desencarnada) quer dos irracionalismos que desvalorizam toda a logicidade em favor do sentimento e da intuição, acabando num niilismo que serve de substrato quer ao relativismo moral quer à abertura *New Age* aos mistérios do mundo, sem qualquer hierarquização dos diferentes domínios do saber.

O título do livro sugere a sua ideia de fundo: a retórica pertence à natureza humana, constituindo no homem a sua mais completa modalidade da razão. O subtítulo, por sua vez, desdobra esta ideia, realçando que é a retórica que – servida, integradamente, por múltiplas componentes, que a enriquecem como forma de pensar e comunicar: inteligência, emoção, imaginação, narratividade, incitamento à ação, etc. – humaniza o mundo ou educa a cidade: funda e organiza a justiça, decide politicamente, exprime as identidades, celebra os heróis e denuncia os traidores, transmite a memória, enfim modela a cultura.

A primeira parte é consagrada a analisar como é que, desde as origens e particularmente desde Aristóteles, a humanidade inventou uma tal técnica para construir a cidade. Mas também como ela foi perdendo a sua alma face a múltiplas resistências. A autora realça aí, não só os valores próprios da retórica enquanto modalidade oral da razão, mas também a sua complementaridade com a modalidade escrita da mesma razão. A segunda parte convida o leitor a considerar o conjunto das manifestações

da sua inteligência sob o ângulo da arte retórica, seja esta espontânea seja tecnicamente elaborada. Procura então responder a questões fundamentais, que correspondem a outras tantas funções daquela: como pensar em ação? como exprimir as próprias emoções? como contar histórias? como criticar ou suspender os juízos? como decidir? como julgar? Em modo de conclusão E. Danblon explora a tese da retórica como arte de tornar humano o mundo, tendo em vista não só o quotidiano das nossas vidas, mas prestando particular atenção as campos politico, jurídico e social. Ela pugna, enfim, por uma razão retórica plena e inteira.

Jorge Coutinho

De Vries, Hent, **Religion et violence. Perspectives philosophiques de Kant à Derrida**, coll. « Philosophie et Théologie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 536 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09900-4.

O autor deste ensaio – detentor da «Russ Family Chair» das Humanidades» na Universidade Johns Hopkins – parte de uma constatação que se lhe afigura historicamente verificada: não há violência sem (uma parte de) religião; não há religião em (uma parte de) violência» (p. 47). No fundo, as coisas são assim porque a religião implica sempre relação a «um certo Outro», escapando por isso, ao menos em parte, à autonomia humana e implicando, como consequência, que a religião «representa o outro – o Outro – da violência» (ibid.).

O tema ganha particular interesse neste tempo em que se multiplicam os debates sobre o multiculturalismo, a cidadania, a imigração e a democracia, que têm por detrás de si um «postulado tácito»: a génese moderna e a transformação contemporânea da esfera pública andam ligados à mudança do papel sociopolítico e cultural desempenhado pela religião e a conceções inerentes sobre coisas como a liberdade de expressão e a tolerância. O autor propõe-se, no seu ensaio, a bem da própria religião, «demarcar e circunscrever rigorosamente o motivo de um certo *horror religiosus*» (p. 51).

O estudo de De Vries começa precisamente por Kant, que na sua conhecida obra *A religião nos limites da simples razão* procede à denúncia de quatro fundamentais irracionalismos de teor religioso: fanatismo, superstição, erro e feitiçaria. São quatro desvios ligados à religiões históricas, com as respetivas Igrejas, e às seitas que se lhes opõem, as quais jamais chegam a refletir a Igreja invisível (ou ideal) sem a caricaturar. Como quer que Kant seja lido e compreendido, a verdade é que ele «fornece termos críticos, recursos argumentativos e uma imagética vigorosa para analisar com sucesso a cultura contemporânea» (p. 50).

O primeiro dos quatro capítulos do livro é consagrado à análise de alguns passos da obra de Derrida *Do direito à filosofia*, obra em que este pensador, relendo de Kant a obra atrás citada e também *O conflito das faculdades*, se debruça sobre a desconstrutibilidade teórica e prática da instituição moderna, com particular incidência sobre a instituição universitária. O filósofo de Königsberg pugna aí pelos direitos da razão e pela consequente liberdade de pensamento e de expressão, ao mesmo tempo que denuncia o «mal radical» (*das radikal Böse*), assumido por Derrida como a absoluta pervertibilidade. De Vries considera importante a releitura das duas referidas obras de Kant para a compreensão de muitas coisas do